Trabalho de Introdução aos Estudos da Educação

Poema de Shakespeare

Primeiramente li o poema algumas vezes, não com o intuito que eu chegasse a algo conclusivo, a alguma fim. Li para que eu tivesse uma ideia vaga dele, uma noção. Ao deixa-lo com minha entrevistada, Angela, 35 anos, pedi que ela fizesse o mesmo, assim, talvez, chegássemos em algo juntos no dia da entrevista.

Em meio a conversa Angela me disse que o poema era bonito, mesmo não entendendo muito na primeira leitura, era daqueles poemas que trazem algo. Angela disse que é um daqueles que realmente tocam a alma, pois mesmo sem ter muita noção de seu conteúdo, do significado das palavras, algo mexia com ela ao ler o poema.

Sobre a primeira parte, o “dobra” era o mesmo de quando se dobra à esquina, o dobrar da esquina. Significaria uma mudança de rumo, de direção, uma ruptura entre o rumo anterior (o tempo passado) e o agora (o tempo presente). Como se a hora, ao dobrar-se, passasse a ser triste, lenta, melancólica, vagarosa. Ele, o poema, não diz como era antes (o tempo), a característica do tempo anterior. Mas a partir de agora ele se transformava. No agora ele é dessa nova maneira.

Aquele fim de tarde solitário parece ter sido o momento em que o poeta se da conta do dobrar do tempo, e toda essa enuviação de pensamento se deu concreto ao anoitecer, quando o poeta passa a escrever, por isso da segunda estrofe.

Seguindo, boa parte do poema fala de coisas e da natureza inexorável do tempo. O que ele trás, ele leva. Nada permaneceu ou permanecerá. Ele fala da beleza de uma violeta, da juventude de um homem, de uma sobra refrescante que era a um rebanho. Todas essas coisas são sujeitas ao tempo, e o poeta diz que elas não são o que eram mais, que já não são como antes. Como ele próprio diz mais tarde, é “a dura prova do tempo”.

O que era, sem dúvida, não será mais algum dia. Porém as coisas se sucedem, vem algo, o novo, a beleza nova. Novas sombras viram, e com ela novas flores e novos seres, a “prole”. Essa é outra dura prova do tempo. As coisas tomam o lugar do velho, independente do que seja, do tamanho, da beleza ou da funcionalidade que tenham. E contra tudo isso não há luta, não há para onde fugir, como se esconder. Há apenas o ser.